

Cidade digital, uma necessidade

JOSÉ ROBERTO ARRUDA

Brasília foi criada sob a égide da modernidade, com base na expectativa de uma ampla qualidade de vida, alicerçada em diversos patamares dificilmente vislumbrados em qualquer outra parte do País. Ousaria dizer que mesmo no mundo. Administrar o sonho de Dom Bosco e o trabalho de JK e de tantos pioneiros passou a ser não só consolidá-los, como antecipar-se a novas esperanças e problemas que surgiram, em uma velocidade tão grande quanto a que transformou a capital da República em uma metrópole.

É essa linha tênue que separa, nos sonhos, a utopia da antevisão. Uma linha que costuma servir de obstáculo para os céticos. Nem sempre por má vontade, mas por um aprisionamento à realidade difícil de ser rompido. Por isso, por exemplo, muitos dos adversários políticos que no passado nos criticaram – a mim e ao governador Joaquim Roriz – pela construção do metrô hoje clamam pela ampliação de suas linhas.

A Cidade Digital é um daqueles desafios imperativos. Faz-se urgente diante da necessidade de prover o Distrito Federal de mais postos de trabalho, sem abrir mão de um respeito ao meio ambiente, como fator preponderante na qualidade de vida. Algo que o brasileiro exige, consciente que é de seus direitos.

A chamada Sociedade da Informação deixou de ser um vislumbre de intelectuais como Alvin Tofler para ser uma realidade detectada não só por ondas de rádio e fios óticos. Provocou uma onda de investimentos em todo o planeta, que proporcionou áreas como o Triangle Research Park (EUA), o Sophia Antipolis (França) e o Cambridge Science Park (Inglaterra), espaços onde se conjugou qualidade de vida com geração de empregos com alto nível de qualificação.

O nosso Parque Capital Tecnológico ocupará área de 123 hectares, com estrutura capaz de abrigar as sedes de duas mil empresas de vários portes e 40 mil empregos. O GDF vai investir US\$ 50 milhões e buscar financiamento junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para deslanchar o projeto.

Uma iniciativa que não seria possível sem o esforço pessoal e permanente do empresário Antonio Fábio Ribeiro, presidente do Sindicato da Indústria da Informação e ex-secretário do GDF. Já o deputado Izalci Lucas, no cargo de secretário de Ciência e Tecnologia, atuou com muito empenho para tornar viável a Cidade Digital.

O DF tem várias características que o tornam apto a acolher esse tipo de empreendimento. Primeiro, por ser considerada uma indústria limpa, com menor impacto ambiental, e ao mesmo tempo geradora de grande número de empregos e produtora de muita riqueza. Nos últimos cinco anos, mil companhias do setor de informática se instalaram em Brasília. A cadeia produtiva do segmento abriga outras 2,7 mil empresas. Somadas, faturaram R\$ 3,2 bilhões em 2003. Geram 27 mil empregos diretos com média salarial de R\$ 1,5 mil. A força se reflete também na arrecadação tributária: sete dos dez maiores contribuintes de ISS do DF são do setor de tecnologia.

O segundo aspecto é a forte demanda por esse tipo de atividade que setores já instalados tanto no DF como no Entorno apresentam. As soluções de tecnologia de informações são requeridas com urgência por áreas como a administração pública, o agronegócio e prestação de serviços. O DF já é o segundo maior mercado de serviços de informática do País, atrás apenas de São Paulo.

Temos centros de excelência em pesquisa como a UnB, a Universidade Católica e o UniCeub, com capacidade para prover a futura Cidade Digital de mão de obra qualificada. Possuímos órgãos e empresas que já demandam esses serviços, catalisadores que são das reações que estão provocando a modernidade administrativa e tecnológica do País. Exemplo disso são a Embrapa, o Centro de Guerra Tecnológica de Sobradinho, o Serpro, entre outras.

Junte-se a esses fatores a necessidade corporativa de órgãos e empresas como o Banco do Brasil, disposto a fazer um investimento de R\$ 700 milhões em um novo centro tecnológico – fundamental na própria instituição –, para termos um quadro claro de como a Cidade Digital se mostra imprescindível. De como é urgente abrir mão de suscetibilidades e idiossincrasias pelo bem comum e pelo futuro.

Pode-se até, tristemente, abrir mão dos sonhos. Não dá é para brigar com a realidade. A Cidade Digital não é mais uma aposta no futuro. É solução prestes a se fazer presente. Como foi e é Brasília.

JOSÉ ROBERTO ARRUDA é deputado federal pelo PFL-DF.